

Festival Internacional de Música de
Marvão 2021
Recital de Canto e Piano
31 de Julho 2021

André Baleiro | barítono
David Santos | piano

TEXTOS E TRADUÇÕES

**Ludwig van
Beethoven**
*An die ferne Geliebte /
À bem-amada
distante*

Texto de
Alois Jeitteles
(1794-1858)

1.
Auf dem Hügel sitz ich, spähend
In das blaue Nebelland,
Nach den fernen Triften sehend,
Wo ich dich, Geliebte, fand.

Weit bin ich von dir geschieden,
Trennend liegen Berg und Tal
Zwischen uns und unserm Frieden,
Unserm Glück und unsrer Qual.

Ach, den Blick kannst du nicht sehen,
Der zu dir so glühend eilt,
Und die Seufzer, sie verwehen
In dem Raume, der uns teilt.

Will denn nichts mehr zu dir dringen,
Nichts der Liebe Bote sein?
Singen will ich, Lieder singen,
Die dir klagen meine Pein!

Denn vor Liedesklang entweicht
Jeder Raum und jede Zeit,
Und ein liebend Herz erreicht,
Was ein liebend Herz geweiht!

2.
Wo die Berge so blau
Aus dem nebligen Grau
Schauen herein,
Wo die Sonne verglüht,
Wo die Wolke umzieht,
Möchte ich sein!

Dort im ruhigen Tal
Schweigen Schmerzen und Qual.
Wo im Gestein
Still die Primel dort sinnt,
Weht so leise der Wind,
Möchte ich sein!

Hin zum sinnigen Wald
Drängt mich Liebesgewalt,
Innere Pein.
Ach, mich zög's nicht von hier,
Könnt ich, Traute, bei dir
Ewiglich sein!

1.
Sobre a colina me sento, observando
A paisagem azul da bruma,
Procurando as várzeas distantes
Onde eu, bem-amada, te encontrei.

Estou longe, de ti apartado,
Entre nós, montes e vales
Nos separam da nossa paz,
Da nossa felicidade e da nossa dor.

Ah! Não podes ver o olhar
Que corre para ti tão ardentemente,
E os suspiros desvanecem
No espaço que nos divide.

Nada mais quer abrir caminho para ti?
Nada quer ser o mensageiro do amor?
Então quero cantar, cantar canções
Que te lamentem a minha dor!

Pois perante o som de uma canção recua
Todo o espaço e todo o tempo,
E um coração que ama alcança
Aquilo que um coração que ama consagrou!

2.
Onde os montes tão azuis
Do nebuloso cinzento
Sobressaem,
Onde o sol se extingue,
Onde as nuvens deslizam,
Aí quero eu estar!

Lá no vale tranquilo
Calam-se dores e tormentos.
Onde, na rocha,
Quietas as primulas cogitam
E o vento sopra tão levemente,
Aí quero eu estar!

Para o bosque solene
Me impulsiona a violência do amor,
Sofrimento interior.
Ah! Não desejaria sair daqui,
Se pudesse, amada, ficar
Junto de ti eternamente!

3.

Leichte Segler in den Höhen,
Und du, Bächlein klein und schmal,
Könnt mein Liebchen ihr erspähen,
Grüßt sie mir viel tausendmal.

Seht ihr, Wolken, sie dann gehen
Sinnend in dem stillen Tal,
Laßt mein Bild vor ihr entstehen
In dem luft'gen Himmelssaal.

Wird sie an den Büschen stehen,
Die nun herbstlich falb und kahl.
Klagt ihr, wie mir ist geschehen,
Klagt ihr, Vöglein, meine Qual.

Stille Weste, bringt im Wehen
Hin zu meiner Herzenswahl
Meine Seufzer, die vergehen
Wie der Sonne letzter Strahl.

Flüstr' ihr zu mein Liebesflehen,
Laß sie, Bächlein klein und schmal,
Treu in deinen Wogen sehen
Meine Tränen ohne Zahl!

4.

Diese Wolken in den Höhen,
Dieser Vöglein muntre Zug,
Werden dich, o Huldin, sehen.
Nehmt mich mit im leichten Flug!

Diese Weste werden spielen
Scherzend dir um Wang' und Brust,
In den seidnen Locken wühlen.
Teilt ich mit euch diese Lust!

Hin zu dir von jenen Hügeln
Emsig dieses Bächlein eilt.
Wird ihr Bild sich in dir spiegeln,
Fließ zurück dann unverweilt!

5.

Es kehret der Maien, es blühet die Au,
Die Lüfte, sie wehen so milde, so lau,
Geschwätzig die Bäche nun rinnen.

Die Schwalbe, die kehret zum wirtlichen Dach,
Sie baut sich so emsig ihr bräutlich Gemach,
Die Liebe soll wohnen da drinnen.

Sie bringt sich geschäftig von kreuz und von quer
Manch weicherer Stück zu dem Brautbett hierher,
Manch wärmendes Stück für die Kleinen.

Nun wohnen die Gatten beisammen so treu,
Was Winter geschieden, verband nun der Mai,
Was liebet, das weiß er zu einen.

3.

Gaivão ligeiro nas alturas,
E tu, ribeirão, pequeno e estreito,
Se conseguirdes avistar a minha amada,
Saudai-a por mim mil vezes.

Se a virdes, ó nuvens, andar
Pensativa pelo vale tranquilo,
Fazei-lhe aparecer a minha imagem
No aéreo salão celeste.

Se ela estiver junto do arvoredado
Agora amarelo e nu do outono,
Contai-lhe o que me aconteceu,
Contai-lhe, passarinhos, o meu sofrimento!

Calmos ventos ocidentais, levai
À eleita do meu coração
Os meus suspiros, que desvanecem
Como o último raiar do sol.

Sussura-lhe as minhas súplicas amorosas,
Ribeiro pequeno e estreito,
Mostra-lhe fielmente na tua ondulação
As minhas lágrimas incontáveis!

4.

Estas nuvens nas alturas,
Este alegre bando de pássaros,
Irão ver-te, ó graciosa.
Levai-me convosco no vosso vôo ligeiro!

Estes ventos ocidentais irão aflorar,
Brincalhões, a tua face e o teu peito,
Remexer nos teus caracois sedosos.
Pudesse eu partilhar convosco este prazer!

Daquelas colinas se apressa
O ribeiro zelosamente em direcção a ti.
Quando a sua imagem se reflectir nas tuas águas,
Corre de volta sem demora!

5.

Maió regressa, os campos florescem,
As brisas sopram tão suaves, tão amenas,
Os ribeiros correm agora tagarelando.

A andorinha regressa ao telhado hospitaleiro,
Constroi zelosamente o seu quarto de núpcias,
Lá dentro há-de morar o amor.

Traz atarefada de toda a parte
Raminhos delicados para o leito nupcial,
Raminhos reconfortantes para os pequenotes.

Agora moram unidos os esposo fiéis;
O que o inverno separou, Maio agora juntou.
Ele sabe unir aqueles que amam.

Es kehret der Maien, es blühet die Au.
Die Lüfte, sie wehen so milde, so lau.
Nur ich kann nicht ziehen von hinnen.

Wenn alles, was liebet, der Frühling vereint,
Nur unserer Liebe kein Frühling erscheint,
Und Tränen sind all ihr Gewinnen.

6.

Nimm sie hin denn, diese Lieder,
Die ich dir, Geliebte, sang,
Singe sie dann abends wieder
Zu der Laute süßem Klang.

Wenn das Dämmerungsrot dann ziehet
Nach dem stillen blauen See,
Und sein letzter Strahl verglühet
Hinter jener Bergeshöh;

Und du singst, was ich gesungen,
Was mir aus der vollen Brust
ohne Kunstgepräg erklingen,
Nur der Sehnsucht sich bewußt:

Dann vor diesen Liedern weichet
Was geschieden uns so weit,
Und ein liebend Herz erreicht
Was ein liebend Herz geweiht.

Maio regressa, os campos florescem.
As brisas sopram tão suaves, tão amenas.
Apenas eu não consigo sair daqui.

Se a primavera une todos os que amam,
Somente para o nosso amor nenhuma
primavera brilha,
E as lágrimas são a sua única recompensa.

6.

Aceita então estas canções
Que eu, bem-amada, te cantei.
Canta-as de novo ao final da tarde
Acompanhadas ao doce som do alaúde.

Quando o vermelho do poente se espraia
Sobre o lago azul e calmo,
E o seu último raiar esmorece
Por detrás do cume daquela montanha;

E tu cantas o que eu cantei,
Aquilo que do meu peito transbordante
Brotou sem aparato nem artificio,
Apenas ciente da saudade:

Então, perante estas canções, recua
Aquilo que tão longe nos apartou,
E um coração que ama alcança
Aquilo que um coração que ama consagrou.

Maurice Ravel *Histoires Naturelles / Contos da Natureza*

Texto de
Jules Renard
(1864-1910)

1. Le paon

Il va sûrement se marier aujourd'hui.
Ce devait être pour hier.
En habit de gala, il était prêt.
Il n'attendait que sa fiancée.
Elle n'est pas venue.
Elle ne peut tarder.
Glorieux, il se promène avec une allure de prince
indien et porte sur lui les riches présents d'usage.
L'amour avive l'éclat de ses couleurs
et son aigrette tremble comme une lyre.
La fiancée n'arrive pas.
Il monte au haut du toit et regarde du côté
du soleil. Il jette son cri diabolique:
Léon! Léon!
C'est ainsi qu'il appelle sa fiancée.
Il ne voit rien venir et personne ne répond.
Les volailles habituées ne lèvent même
point la tête.
Elles sont lasses de l'admirer.
Il redescend dans la cour, si sûr d'être beau qu'il
est incapable de rancune.
Son mariage sera pour demain.
Et, ne sachant que faire du reste de la journée,
il se dirige vers le perron.
Il gravit les marches, comme des marches de
temple, d'un pas officiel.
Il relève sa robe à queue toute lourde des yeux
qui n'ont pu se détacher d'elle.
Il répète encore une fois la cérémonie.

1. O pavão

Vai certamente casar hoje.
Devia ter sido ontem.
Vestido de gala, estava pronto.
Esperava apenas a noiva.
Ela não veio.
Não deve tardar.
Glorioso, passeia com uns ares de príncipe
indiano, ostentando os ricos presentes habituais.
O amor aviva o brilho das suas cores e o seu
penacho treme como uma lira.
A noiva não vem.
Sobe ao alto do telhado e olha para o lado do sol.
Lança o seu grito diabólico:
«Léon! Léon!»
É assim que chama a noiva.
Não vê vir nada e ninguém responde.
As aves habituadas nem sequer
erguem a cabeça.
Estão cansadas de o admirar.
Desce de novo ao terreiro, tão seguro da sua
beleza que é incapaz de rancor.
O seu casamento será amanhã.
E não sabendo que fazer no resto do dia,
dirige-se para a escadaria.
Sobe os degraus, como os degraus de um templo,
numa atitude oficial.
Ergue o seu vestido de cauda, muito pesado dos
olhos que lhe não puderam ser arrancados.
Repete ainda outra vez a cerimónia.

2. Le grillon

C'est l'heure où, las d'errer, l'insecte nègre revient de promenade et répare avec soin le désordre de son domaine.

D'abord il ratisse ses étroites allées de sable.

Il fait du bran de scie qu'il écarte au seuil de sa retraite.

Il lime la racine de cette grande herbe propre à le harceler.

Il se repose.

Puis il remonte sa minuscule montre.

A-t-il fini? Est-elle cassée? Il se repose encore un peu.

Il rentre chez lui et ferme sa porte.

Longtemps il tourne sa clé dans la serrure délicate.

Et il écoute:

Point d'alarme dehors.

Mais il ne se trouve pas en sûreté.

Et comme par une chaînette dont la poulie grince, il descend jusqu'au fond de la terre.

On n'entend plus rien.

Dans la campagne muette, les peupliers se dressent comme des doigts en l'air et désignent la lune.

3. Le cygne

Il glisse sur le bassin, comme un traîneau blanc, de nuage en nuage.

Car il n'a faim que des nuages floconneux qu'il voit naître, bouger, et se perdre dans l'eau.

C'est l'un d'eux qu'il désire.

Il le vise du bec, et il plonge tout à coup son col vêtu de neige.

Puis, tel un bras de femme sort d'une manche, il le retire.

Il n'a rien.

Il regarde: les nuages effarouchés ont disparu.

Il ne reste qu'un instant désabusé,

car les nuages tardent peu à revenir,

et, là-bas, où meurent les ondulations de l'eau, en voici un qui se reforme.

Doucement, sur son léger coussin de plumes, le cygne rame et s'approche...

Il s'épuise à pêcher de vains reflets, et peut-être qu'il mourra, victime de cette illusion, avant d'attraper un seul morceau de nuage.

Mais qu'est-ce que je dis?

Chaque fois qu'il plonge, il fouille du bec la vase nourissante et ramène un ver.

Il engraisse comme une oie.

2. O grilo

É a hora a que, cansado de vaguear, o insecto negro regressa do seu passeio e repara com cuidado a desordem dos seus domínios.

Em primeiro lugar, limpa os estreitos caminhos de areia.

Arranja a serradura que afasta da soleira de sua casa.

Corta a raiz desta grande erva que o incomoda.

Descansa.

Depois dá corda ao seu relógio minúsculo.

Acabou? Estará partida? Descansa um pouco mais.

Entra em casa e fecha a porta.

Dá volta à chave, longamente, na fechadura e escuta.

Não há alarme fora.

Mas não se acha em segurança.

E como por uma pequena corrente cuja roldana chia, desce até ao fundo da terra.

Não se ouve mais nada.

Nos campos mudos, os salgueiros erguem-se como dedos e apontam para a lua.

3. O cisne

Desliza no lago como um trenó branco, de nuvem em nuvem.

Porque não tem fome senão das nuvens leves que vê nascer, mover e perderem-se na água.

É uma delas que deseja.

Aponta-lhe o bico e mergulha de repente o pescoço vestido de neve.

Depois, tal como um braço de mulher a sair de uma manga, retira-o.

Não traz nada.

Olha: as nuvens assustadas desapareceram.

Fica apenas um instante desiludido,

pois as nuvens não tardam a voltar

e, lá em baixo, onde morrem as ondulações da água, eis que uma se forma de novo.

Lentamente, sobre a sua leve almofada de penas, o cisne nada e aproxima-se...

Cansa-se a pescar reflexos vãos e talvez morra, vítima dessa ilusão, antes de apanhar um único pedaço de nuvem.

Mas que digo eu?

Cada vez que mergulha, remexe com o bico a lama nutritiva e traz um verme.

Engorda como um ganso.

4. Le martin-pêcheur

Ça n'a pas mordu, ce soir, mais je rapporte une rare émotion.

Comme je tenais ma perche de ligne tendue, un martin-pêcheur est venu s'y poser.

Nous n'avons pas d'oiseau plus éclatant.

Il semblait une grosse fleur bleue au bout d'une longue tige.

La perche pliait sous le poids.

Je ne respirais plus, tout fier d'être pris pour un arbre par un martin-pêcheur.

Et je suis sûr qu'il ne s'est pas envolé de peur, mais qu'il a cru qu'il ne faisait que passer d'une branche à une autre.

5. La pintade

C'est la bossue de ma cour.

Elle ne rêve que plaies à cause de sa bosse.

Les poules ne lui disent rien:

brusquement, elle se précipite et les harcèle.

Puis elle baisse sa tête, penche le corps, et, de toute la vitesse de ses pattes maigres, elle court frapper, de son bec dur, juste au centre de la roue d'une dinde.

Cette poseuse l'agaçait.

Ainsi, la tête bleuie, ses barbillons à vif, cocardière, elle rage du matin au soir.

Elle se bat sans motif, peut-être parce qu'elle s' imagine toujours qu'on se moque de sa taille, de son crâne chauve et de sa queue basse.

Et elle ne cesse de jeter un cri discordant qui perce l'air comme une pointe.

Parfois elle quitte la cour et disparaît.

Elle laisse aux volailles pacifiques un moment de répit. Mais elle revient plus turbulente et plus criarde.

Et, frénétique, elle se vautre par terre.

Qu'a-t-elle donc?

La sournoise fait une farce.

Elle est allée pondre son oeuf à la campagne.

Je peux le chercher si ça m'amuse.

Et elle se roule dans la poussière comme une bossue.

4. O pica-peixe

Não pesquei nada, esta tarde, mas tive uma emoção rara.

Quando segurava a minha cana com a linha esticada, um pica-peixe veio pousar nela.

Não temos outro pássaro mais deslumbrante.

Parecia uma grande flor azul na extremidade de uma longa haste.

A cana cedia com o peso.

Eu nem respirava, orgulhoso de ser tomado por uma árvore por um pica-peixe.

E tenho a certeza que não levantou voo por medo, mas que pensava estar apenas a mudar de um ramo para outro.

5. A galinha-da-Índia

É a corcunda do meu terreiro.

Não pensa senão em fazer mal por causa da sua bossa. As galinhas não lhe dizem nada: bruscamente, precipita-se e persegue-as.

Depois baixa a cabeça, inclina o corpo e, a toda a velocidade das suas patas magras, corre a bater, com o seu bico duro, exactamente no centro da cauda armada de uma peruca.

Aquela presumida irritava-a.

Assim, com a cabeça azulada, os barbilhões excitados, altiva, enraivece-se de manhã até à noite.

Bulha sem motivo, talvez por estar sempre a imaginar que troçam da sua estatura, do seu crânio pelado e da sua cauda baixa.

E não para de lançar um grito estridente que corta o ar como uma lança.

Às vezes abandona o terreiro e desaparece.

Concede às aves pacíficas um momento de tréguas.

Mas regressa mais turbulenta e mais ruidosa.

E, frenética, espoja-se no chão.

Que terá?

A manhosa representa uma farsa.

Foi pôr um ovo no campo.

Posso ir procurá-lo se isso me apetecer.

E enrola-se na poeira como uma corcunda.

Textos franceses: tradução de Maria Fernanda Cidrais

[https://www.rtp.pt/antena2/letras-de-cancoes/letra-r/maurice-ravel-_873_876]

Johannes Brahms
Canções Op. 57

Textos de
G. F. Daumer
(1800-1875)

1. Von waldbekränzter Höhe

Von waldbekränzter Höhe
Werf' ich den heißen Blick
Der liebefeuchten Sehe
Zur Flur, die dich umgrünt, zurück.

Ich senk' ihn auf die Quelle,
Vermöcht' ich, ach, mit ihr
Zu fließen, eine Welle,
Zurück, o Freund, zu dir, zu dir!

Ich richt' ihn auf die Züge
Der Wolken über mir,
Ach, flög' ich ihre Flüge,
Zurück, o Freund, zu dir, zu dir!

Wie wollt' ich dich umstricken,
Mein Heil und meine Pein,
Mit Lippen und mit Blicken,
Mit Busen, Herz und Seele dein!

Wolfgang Rihm
*Wölfli-Liederbuch/
Livro de canções de
Wölfli*

Texto de Adolf Wölfli
(1864-1930)

VI. Graab-Innschrift. 1,868

Es ist doch Gottes Wille:
Dass Glück verschwinden muss!
Und ziiirpt im Wald die Grille:
Fällt alles in den Russ.
Hält mihr der Schatz nicht stille!
Ebjä! Weil ich doch muss:
Ist es doch Gottes Wille:
Dass Glück verschwinden muss.

Johannes Brahms
Canções Op. 57

2. Wenn du nur zuweilen lächelst

Wenn du nur zuweilen lächelst,
Nur zuweilen Kühle fächerst
Dieser ungemessnen Glut -
In Geduld will ich mich fassen
Und dich alles treiben lassen,
Was der Liebe wehe tut.

Wolfgang Rihm
*Neue Alexanderlieder
/ Novas canções de
Alexander*

Texto de Ernst
Herbeck (1920-91)

III. Ich mag euch alle nicht

Ihr seid so wirsch ich
ich mag euch alle nicht.
Ihr seid mir zu deppert.
Wenn Ihr von mir gehen würdet.
Ich wäre froh darüber.

Johannes Brahms
Canções Op. 57

3. Es träumte mir

Es träumte mir,
Ich sei dir teuer;
Doch zu erwachen
Bedurft' ich kaum.
Denn schon im Traume
Bereits empfand ich,
Es sei ein Traum.

1. Do cume coroado pelos bosques

Do cume coroado pelos bosques
Lanço o olhar ardente,
Com os olhos húmidos de amor,
De volta para os campos que te envolvem
de verde.

Baixo o olhar para a fonte;
Ah! Quem me dera correr
Como ela, uma onda,
De volta para ti, amigo, para ti!

Ergo o olhar para o deslizar
Das nuvens sobre mim;
Ah! Quem me dera poder voar como elas
De volta, amigo, para ti!

Como gostaria de entrelaçar,
Minha salvação e meu tormento,
Os meus lábios e olhares
Com o teu peito, coração e alma!

VI. Inscrição tumular. 1,868

Pois esta é a vontade de Deus:
A felicidade tem de acabar!
E trina no bosque o grilo:
Cai tudo na fuligem.
O tesouro não me permanece quieto!
Eia! Porque tem de ser:
Esta é, pois, a vontade de Deus:
A felicidade tem de acabar.

2. Se apenas sorris de quando em vez

Se apenas sorris de quando em vez,
Se apenas de quando em vez refrescares
Este ardor desmedido -
Então quero ser paciente,
E deixar-te fazer tudo
O que ao amor causa dor.

III. Não gosto de vocês

Vocês são tão chatos
não gosto de vocês.
Acho-vos demasiado parvos.
Se se fossem daqui embora.
Ficaria bem contente.

3. Sonhei

Sonhei
Que te era querido;
Mas quase nem precisei
De acordar,
Pois já no sonho
Senti,
Que era apenas um sonho.

Johannes Brahms
Canções Op. 57

4. Ach, wende diesen Blick, wende dies Angesicht!

Ach, wende diesen Blick, wende dies Angesicht!
Das Inn're mir mit ewig neuer Glut,
Mit ewig neuem Harm erfülle nicht!

Wenn einmal die gequälte Seele ruht,
Und mit so fieberischer Wilde nicht
In meinen Adern rollt das heiße Blut -

Ein Strahl, ein flüchtiger, von deinem Licht,
Er wecket auf des Wehs gesamte Wut,
Das schlangengleich mich in das Herze sticht.

Wolfgang Rihm
Neue Alexanderlieder
/ *Novas canções de Alexander*

I. Die Frau in mir

Hoch droben auf dem Berg
wo die Zwei Englein stehn.
Dort ist dann auch – ein Zwerg
Er soll die Wache sehn.
Immer grün auf diesen Höhn.
Dort in dem dunklen Wald
dort habe ich ganz schön.
Das Wörtlein Frau gelallt.

Johannes Brahms
Canções Op. 57

5. In meiner Nächte Sehnen

In meiner Nächte Sehnen,
So tief allein,
Mit tausend, tausend Tränen,
Gedenk' ich dein.

Ach, wer dein Antlitz schaute,
Wem dein Gemüt
Die schöne Glut vertraute,
Die es durchglüht,

Wem deine Küsse brannten,
Wem je vor Lust
All seine Sinne schwanden
An deiner Brust -

Wie rasteten in Frieden
Ihm Seel' und Leib,
Wenn er von dir geschieden,
Du göttlich Weib!

4. Ah! desvia esse olhar, desvia esse rosto!

Ah! Desvia esse olhar, desvia esse rosto!
Não preenchas o meu interior com uma chama
eternamente nova,
Com uma mágoa eternamente nova!

Quando a minha alma atormentada descansa,
E o sangue ardente já não corre nas minhas veias
Com um ímpeto tão febril,

Um raio, por fugaz que seja, da tua luz,
Acorda toda a fúria do tormento
Que perfura o meu coração como uma serpente.

I. A mulher em mim

Lá em cima na montanha
onde estão os Dois Anjinhos.
Lá está também – um anão
Ele deve ficar de vigia.
Sempre verdejante nestas alturas.
Lá no bosque sombrio
lá balbuciei com deleite
A palavrinha “mulher”.

5. Nos anseios das minhas noites

Nos anseios das minhas noites,
Tão profundamente sozinho,
Com mil, mil lágrimas,
Recordo-me de ti.

Ah! Aquele que contemplava o teu semblante;
Aquele a quem o teu sentimento
Confiava a bela chama
Do seu ardor,

Aquele a quem queimavam os teus beijos,
Aquele a quem todos os sentidos
Se desvaneciam de prazer
Junto do teu peito –

Como descansavam em paz
A sua alma e o seu corpo
Quando ele de ti se separava,
Ó mulher divina!

Wolfgang Rihm
Lenz-Fragmente /
Fragmentos de Lenz

Texto de J. M. R.
Lenz (1751-1792)

IV. An die Sonne

Seele der Welt, unermüdete Sonne!
Mutter der Liebe, der Freuden, des Weins
Ach ohne dich erstarret die Erde
Und die Geschöpfe in Traurigkeit.
Und wie kann ich von deinem Einfluß
Hier allein beseelt und beseligt
Ach wie kann ich den Rücken dir wenden.
Wärme, Milde! mein Vaterland
Mit deinem süßesten Strahl, nur laß mich
Ach ich flehe, hier dir näher,
Nah wie der Adler dir bleiben.

Johannes Brahms
Canções Op. 57

8. Unbewegte laue Luft

Unbewegte laue Luft,
Tiefe Ruhe der Natur;
Durch die stille Gartennacht
Plätschert die Fontäne nur.

Aber im Gemüte schwillt
Heißere Begierde mir,
Aber in der Ader quillt
Leben und verlangt nach Leben.

Sollten nicht auch deine Brust
Sehnlichere Wünsche heben?
Sollte meiner Seele Ruf
Nicht die deine tief durchbeben?

Leise mit dem Ätherfuß
Säume nicht, daherzuschweben!
Komm, o komm, damit wir uns
Himmlische Genüge geben!

IV. Ao sol

Alma do mundo, infatigável sol!
Pai do amor, da alegria, do vinho
Ah! sem ti a terra e os animais
Estarrecem de tristeza.
Como posso eu afastar-me da tua influência
Aqui sozinho, de alma cheia e abençoado
Ah! como posso virar-te as costas.
Calor, brandura! minha pátria,
Com o teu mais doce raio, deixa-me apenas
Ah! suplico-te, aqui, mais perto de ti ficar,
Como a águia, junto de ti.

8. Atmosfera imóvel e amena

Atmosfera imóvel e amena,
Descanso profundo da natureza;
Através da noite silenciosa do jardim
Apenas a fonte murmureja.

Mas no meu coração cresce
Um anseio mais fervoroso,
Nas minhas veias irrompe
Vida, e anseia por vida.

Será que desejos mais ardentes
Não elevam também o teu peito?
Será que o chamamento da minha alma
Não faz estremecer profundamente a tua?

Silenciosamente com o pé etéreo
Não demores em flutuar até aqui!
Vem, ó, vem! Para que nos
Ofereçamos prazeres celestiais!

Textos alemães: tradução de André Baleiro e David Santos